

Pressa agrava problema

Pessoas de diferentes tipos, jovens, adultos, velhos e crianças. Algumas de aspecto cansado e triste, outras, nem tanto. Grande parte demonstra familiaridade com os corredores do pronto-socorro, onde já esteve inúmeras vezes e passeia de um lado para outro, conversando, procurando saber qual o problema dos outros pacientes que também aguardam a vez para serem atendidos. Essa cena se repete diariamente em todos os hospitais, onde o fluxo de atendimento apresenta crescimento constante, apesar de a maioria necessitar apenas de cuidados ambulatoriais.

“Minha filha Janete amanheceu com febre, queixando de dor no ouvido. Achei melhor vir logo para cá”, disse Joselita Emílio dos Santos, residente em Santo Antônio do Descoberto. De acordo com ela, em sua cidade é muito difícil conseguir um médico na emergência, por isso, sempre que precisa vem para Taguatinga. Joselita estava se queixando da fome que sentia já que estava desde cedo na rua e às 16h30 ainda não

havia almoçado.

Para a maioria dos pacientes, ficar na fila de espera da emergência significa exercitar a paciência. A consulta pode demorar horas, dependendo do caso. Quem não apresenta sintomas graves tem que dar a vez para os casos agudos, acidentados e pessoas em crise. Tânia Maria de Sousa também foi levar o filho menor ao HRT, terça-feira passada, para descobrir a causa de uma febre que persistia há quatro dias.

Para ele, a espera é difícil mas é melhor do que aguardar consulta do Centro de Saúde que pode demorar até cinco dias. No pronto-socorro a situação é a mesma diariamente. Dezenas de pessoas permanecem à espera dos médicos, reclamando da demora do atendimento, da grosseria de alguns funcionários e das doenças. Alguns poderiam evitar essa agonia procurando o centro de saúde aos primeiros sintomas de que alguma coisa não vai bem no organismo. Foi para fazer o atendimento preventivo que os centros foram implantados.